



Vasco Rosa

Centenário de Pedro da Silveira (1922-2022)

Um pórtico monumental

O escritor Vasco Rosa passa a colaborar com o Diário dos Açores, a partir de hoje, com uma série de artigos sobre a biografia literária de Pedro da Silveira, no âmbito do centenário do conhecido escritor florentino

Aceitou em boa hora o *Diário dos Açores* acolher, enquanto parceiro das comemorações do centenário do escritor Pedro da Silveira, em Setembro de 2022, uma larga série de artigos sobre o que poderíamos chamar, simplisticamente, a sua biografia literária, permitindo desta forma ir tornando público o progresso de trabalhos de pesquisa acerca da sua intervenção de poeta, crítico, investigador de folclore, zelador como poucos da memória cultural destas ilhas, além de precursor na divulgação entre nós dos seus pares caboverdianos (e outros mais).

Pedro Laureano Mendonça da Silveira faleceu em Lisboa em Abril de 2003, e é por isso natural que as gerações mais novas não conheçam suficientemente — como ele e elas merecem — a figura deste florentino da Fajã Grande que sempre fez gala de ter nascido na ponta mais ocidental da Europa, resistiu aos «fumos» da emigração americana que haviam seduzido parte da sua família e abundante vizinhança, preferindo dedicar enorme fatia da sua vida à identificação e resgate do património literário dos Açores, de cuja vitalidade não lhe deixava dúvidas, desde logo, a obra de Roberto de Mesquita (1871-1923), seu patrício santacruzense e o improvável poeta simbolista de *Almas Cativas*, de que ele organizará uma edição exemplar, com dispersos e apresentada a preceito na prestigiosa chancela Atica, conferindo-lhe enfim (1972) um reconhecimento que tardava.

Na extensa e variada bibliografia de Pedro da Silveira há, todavia, dois monumentos — e não exagero nem um pouco no qualificativo — que merecem toda a prioridade neste ciclo de artigos pois representam, como nenhuns outros trabalhos, a amplitude dos seus esforços por um melhor entendimento das variadas personalidades literárias que pelos séculos fora floresceram nos Açores, seguindo — ou antecipando — correntes estéticas, ou, no reverso disso, descortinando uma miríade de autores e textos estrangeiros que a estas ilhas dedicaram atenções.

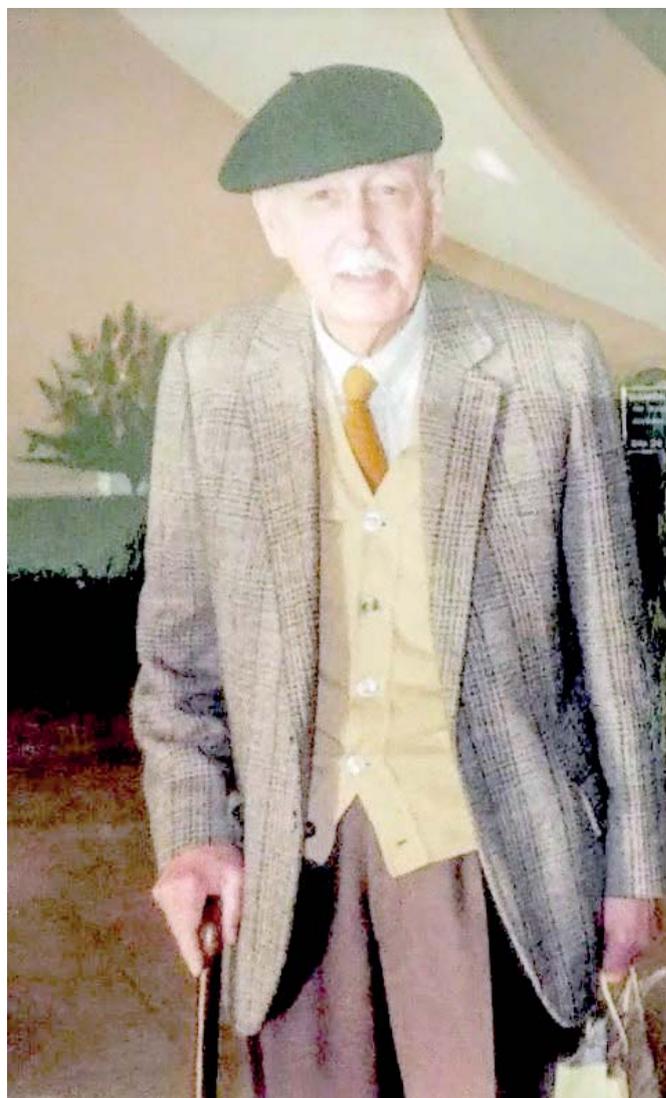
Refiro-me ao longo verbete «Açores» do *Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária* dirigido por João José Cochofel e ao seu «testamento», dirigido à Direcção Regional de Cultura e divulgado postumamente pelo *Boletim do Núcleo Cultural da Horta* (depois respecado por Chris Chrystello para a sua *Bibliografia Geral da Açorianidade*).

Dados a público em 1960 e 2006, estes trabalhos representam também dois momentos de síntese e transição, distantes entre si o bastante para nos mostrarem o que foi recolhido ou feito *por ele* e o que vindouros talvez cuidarão de fazer *depois dele*, guiados por informações valiosas se não mesmo por um programa de longo alcance ainda por cumprir — e colectivamente.

E de notar que só um fortíssimo sentido de pertença e um muito elevado espírito de serviço levariam um literato, nos seus derradeiros anos de vida, a deixar ao futuro indicações tão precisas e preciosas para o resgate editorial de obras de *outros escritores*, em vez de cuidar da sua própria posteridade (por pouco que acreditasse nela, sabendo o que sabia de outros).

Numa antiga tradição açoriana, um arquipélago — ou seja: figuras quase isoladas mas historicamente dispostas num encadeamento sistémico — de etnógrafos, historiadores e «arquivistas» devotados, contrariando o abandono centralista *também neste domínio*, trabalhou sempre e arduamente pela fixação dessa memória e identidade insulares, mas quanto sei nenhum deles (ainda que com discípulos directos) chegou ao fim dos seus dias figurando-se, como Pedro da Silveira, tal e qual aquele corredor exangue que se estica para passar ao estafeta seguinte o seu legado num decurso colectivo.

Vinte anos depois, verificar até que ponto esse seu «progra-



ma» foi — ou não foi — assumido por decisores políticos e agentes editoriais de desigual e menor responsabilidade e capacidade pode dar um bom debate, na condição essencial de que ele não seja intoxicado, enfraquecido e inutilizado por qualquer viciante bipolarização partidária. Porque o que os Açores precisam deve ter o bom concurso de todos. Silveira também nos apontou isso.

Trabalho realizado com o apoio da Câmara Municipal de Lajes das Flores.